

GUSTAVO PIQUEIRA

edições
Sesc



SÃO PAULO
NARRADA
PELO LARGO
DA MEMÓRIA



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor Regional

Danilo Santos de Miranda

Conselho Editorial

Ivan Giannini

Joel Naimayer Padula

Luiz Deoclécio Massaro Galina

Sérgio José Battistelli

Edições Sesc São Paulo

Gerente Iã Paulo Ribeiro

Gerente adjunta Isabel M. M. Alexandre

Coordenação editorial Francis Manzoni, Clívia Ramiro, Cristianne Lameirinha

Produção editorial Thiago Lins

Coordenação gráfica Katia Verissimo

Produção gráfica Fabio Pinotti

Coordenação de comunicação Bruna Zarnoviec Daniel



ENCRUZILHADA DE TEMPOS

Os lugares de memória
são, antes de tudo, restos.

Pierre Nora

Uma cidade é trama de presenças heterogêneas: pessoas, lugares, edificações, modos de viver, formas de expressão, circuitos de bens variados, entre tantas outras. Além da diversidade que as caracteriza, tais presenças são percebidas com maior ou menor vigor a depender do contexto, do ponto de vista e dos interesses em jogo.

Para tentar abarcar essa complexidade, foram mobilizadas áreas do conhecimento também diversas, da geografia ao urbanismo, da história à antropologia, dos estudos culturais às artes. Nas últimas décadas, tem merecido especial atenção um olhar direcionado às camadas de tempo que configuram as cidades, subvertendo agendas orientadas exclusivamente para o futuro – a memória urbana está em pauta.

Isso coincide com a crise da própria ideia de cidade. Crescimento desmedido, desigualdade galopante, exaustão dos modelos socioeconômicos vigentes, desconexão com aspectos naturais – enumerar os sintomas parece menos árduo do que fabular soluções.

Num quadro como esse, investigar os passados é um exercício que se articula com dois vetores: a convicção de que o enfrentamento dos dilemas atuais passa por uma compreensão de seus antecedentes; e certa descrença em relação às agendas de futuro. Assim, a relevância adquirida pelo campo da memória é algo esperado.

Não se trata, entretanto, da adesão a uma leitura oficial ou unívoca do passado, mas da constatação de que o já-vivido constitui um mosaico em permanente revisão, um tabuleiro em que diversos sujeitos clamam pela visibilidade de suas narrativas. Em *A Pirâmide do Piques – São Paulo narrada pelo Largo da Memória*, Gustavo Piqueira convida os leitores a incursões por esse território de disputas.

Para tanto, o autor joga luz sobre um elemento da paisagem paulistana pleno de ambivalências. De marco emblemático da acanhada cidade do século XIX, o lugar em questão – seja obelisco ou pirâmide, chamado de Largo do Piques ou da Memória – foi sendo aos poucos escanteado pelo ritmo vertiginoso da metrópole. Nesse processo reside uma perversa ironia: se, num primeiro momento, foi o trânsito de mulas que ajudou a dar significância àquela porção de terra nas encostas do ribeirão Anhangabaú, mais tarde, outras formas de mobilidade – a ferrovia, o carro, o metrô – estiveram ligadas às aceleradas transformações urbanas que retiraram do Piques a centralidade simbólica e funcional.

Ao esmiuçar as dinâmicas do tempo tendo como ensejo um local da história paulistana tão emblemático quanto pouco conhecido, o autor mobiliza aspectos centrais do debate contemporâneo sobre memória: os critérios de valorização e desvalorização patrimonial vigentes em cada contexto; a dificuldade dos órgãos de proteção em face à sanha especulativa; a pluralidade de vozes a ser mobilizada para investigar determinado objeto histórico; o jogo entre as funções de monumento e documento que um bem cultural assume etc.

A publicação de obras que aproximem as questões urbanas da problemática do patrimônio cultural está ligada à democratização da memória social. Envolver os cidadãos em tais debates significa, além de acolher as demandas de grupos já organizados, sensibilizar mais pessoas para o assunto. Afinal, as cidades de amanhã serão mais inclusivas à medida que mais gente participar das histórias que sobre elas se contam.

Danilo Santos de Miranda – Diretor do Sesc São Paulo



São Paulo vista
do Viaduto do Chá,
2019.



CINZANO

PIRELLI
Firestone

UNICÃO

ACUCAR
União
ADOCA
MASSA

MARTINI

PIRELLI

SIEMENS

CINZANO

PIRANHA

RADIO
INVIO
E MELH

OLD A
WHISK

Um prêmio
em qualidade
e sabor!
MAR







SWISSO

Salmoris
AGUA INGLEZA GRANADO



Figado.....,00
Calabresa.....,00
Frango ao molho
filé de frango.....,00

Lava e Seca
por KILO

CUIDADO
LOMBADAS

Figado.....,00
Calabresa.....,00
Frango ao molho
filé de frango.....,00

Lava e Seca
KILO

Alameda de Porto - Linhas de Sapatão
Colaboração de Pescheteiros

VEÍCULO, MÉDIO E PEQUENO
R\$ 10,90

Até ½ Horas

O verão se assinala tanto pelas moscas e mosquitos
como pelas rosas e noites estreladas.

Marcel Proust, Jean Santeuil.

CABINES

VALOR
6,00

DIÁRIA
SEMANAL
QUINZENAL
MENSAL

1 PASTEL de
CARNE de QUEITO
de PALMITO de FRANGO de

VALOR
6,00

DIÁRIA
SEMANAL
QUINZENAL
MENSAL

MOTOS



No começo do século XIX, o britânico James Henderson definiu São Paulo como *uma cidade em um estado de mediocridade, mas agradavelmente situada num terreno um pouco elevado*.

A baixa empolgação não parece ter sido uma opinião isolada: o advogado paulistano Francisco de Assis Vieira Bueno recordou a São Paulo de sua infância, nos anos 1830, como uma cidade *circundada de campos estéreis, inçados de saúvas, apenas matizados pelos capões e restingas; a lavoura circunvizinha, limitada à cultura de mandioca e de poucos cereais, não lhe oferecia elementos de riqueza*. E sapos. Muitos sapos que *povoam o Anhangabaú e do outro lado o Tamanduateí, e os charcos de suas várzeas, e quem nas noites de calor estacionasse nas pontes do Lorena, Acu e do Carmo, ouvia sua tristonha e variegada orquestra, não sem encantos para quem é propenso à melancolia*.

Na cidade, *não havia hospedarias, porque os viajantes vindos do interior eram poucos, em razão de as viagens a cavalo, por maus caminhos, serem difíceis, e por serem ainda mais poucos os que vinham do exterior, pela mesma razão, e pela falta de motivo que os atraísse*.

Os visitantes que se animassem a vir, apesar da “falta de motivo”, encontravam-se quase restritos às opções listadas por Vieira Bueno para alcançar a colina demarcada pelos vales de dois rios à qual se restringia a acanhada cidade desde sua fundação, em 1554. *Existem em São Paulo três pontes principais, duas sobre o Anhangabaú e a terceira sobre o Tamanduateí*. Esta última era a Ponte do Carmo. Já para vencer o Vale do Anhangabaú, que apesar do minúsculo ribeirão impunha uma considerável barreira natural com suas encostas de até vinte metros de altura, cruzavam-se as pontes do Acu ou do Lorena.